

Essência e significado dos Dez Mandamentos

Rudolf Steiner

Palestra pertencente ao ciclo – Estudo do ser humano segundo a ciência espiritual

Tradução: Julio Averó

Fonte: saudeverdelimao.blogspot.com.br



Continuando o estudo iniciado na semana passada com a observação das formas de doenças e da vida saudável do ser humano, iremos nos aprofundar e detalhar cada vez mais assuntos relacionados com esse tema no decorrer deste inverno. Nossas considerações culminarão então com um conhecimento da natureza humana em geral, que será mais preciso do que tinha sido possível com os meios até então disponíveis pela Antroposofia. Hoje, por precisarmos disso mais tarde, teremos que incluir uma discussão sobre a natureza e o significado dos Dez Mandamentos de Moisés. Pois em breve teremos que dizer algo sobre o significado profundo de conceitos tais como pecado original, redenção e assim por diante, e veremos como esses conceitos recuperam novamente seu significado sob a luz de nossas últimas conquistas, incluindo aquelas da ciência.

Para esse fim precisamos primeiramente examinar mais de perto a essência desse documento singular, que se sobressai desde os primórdios da história israelita e aparece para nós como uma das mais importantes pedras estruturais do templo que foi edificado como uma espécie de ante-sala para o cristianismo. Justamente em um documento tal como os Dez Mandamentos pode ficar cada vez mais evidente o quão pouco a forma como os homens conhecem hoje a Bíblia corresponde a esse documento. Dos detalhes comentados nas últimas duas palestras públicas sobre “Bíblia e Sabedoria”[1], os senhores terão obtido a sensação que não seria correto se alguém dissesse tratar-se simplesmente de passagens isoladas das traduções, não havendo necessidade de se ser tão preciso! Seria um julgamento muito superficial tratar essas coisas dessa maneira! Recordem que apontamos para o fato[2] de que a tradução correta do quarto versículo do segundo capítulo do Genesis em realidade deveria ser:

“O que segue falará das gerações[3], ou aquilo que se origina do céu e da terra”, e que no Genesis é usada a mesma expressão para “os descendentes do céu e da terra” como no trecho onde, mais adiante, se lê: “Este é o livro das gerações[4] – ou descendentes – de Adão”. A mesma palavra é usada em ambos os casos. É de grande significado que na descrição da origem do ser humano a partir do céu e da terra é usada a mesma palavra utilizada mais tarde, quando se fala dos descendentes de Adão.

Tais coisas não são apenas uma emenda pedante que corrigiria um pouco a tradução, mas elas atingem o cerne não apenas de nossas traduções, como também do entendimento desse documento primordial da humanidade. Em realidade falamos, por assim dizer, das fontes de vida da nossa visão antroposófica do mundo, quando dizemos que uma das tarefas mais importantes dessa visão de mundo, de fato, da própria Antroposofia, é resgatar a Bíblia em sua forma verdadeira para a humanidade. Aqui, o que foi dito de maneira genérica, interessa-nos principalmente no que diz respeito aos Dez Mandamentos.

Os Dez Mandamentos são interpretados pela grande maioria dos homens de hoje como se fossem disposições legais, isto é, como as leis determinadas por qualquer estado moderno. É preciso admitir, contudo, que essas leis contidas nos Dez Mandamentos são mais amplas, mais abrangentes, e sua validade independe deste tempo e deste espaço. Portanto, são consideradas leis mais gerais, mas então se tem na consciência que assim apenas devem ter o efeito ou o mesmo objetivo de qualquer legislação moderna. Desse modo, entretanto, interpreta-se erroneamente a verdadeira essência que nelas habita. Essa interpretação errônea evidencia-se pelo fato de todas as traduções disponíveis à humanidade no presente terem incorporado inconscientemente uma explicação

essencialmente superficial, que não se aprofunda no espírito desses Dez Mandamentos. Quando nos aprofundamos nesse espírito, os senhores verão como o sentido desses Dez Mandamentos ajusta-se nas considerações que acabamos de começar, e em relação às quais, na contemplação dos Dez Mandamentos, parece que estaríamos fazendo um desvio inadequado.

A título de introdução, vamos fazer pelo menos uma tentativa aproximada de exprimir os Dez Mandamentos em nossa língua, e então tentar abordar o assunto mais de perto. Nessa tradução dos Dez Mandamentos – se quisermos chamá-la assim – muita coisa terá que ser aperfeiçoada. A essência, porém, o sentido real, deve ser atingido em nossa língua na forma dos Dez Mandamentos que se segue, como veremos logo adiante. Quando se os traduz de acordo com o sentido do texto, sem abrir o dicionário para traduzir palavra por palavra – em tal tradução naturalmente só se pode esperar o pior, pois o que importa é o valor da palavra e todo o valor anímico que isso tinha em seu próprio tempo – quando se extrai o sentido, esses Dez Mandamentos se apresentariam assim:

Primeiro Mandamento

Eu sou o aspecto divino eterno que experimentas em ti mesmo. Eu te conduzi para fora da terra do Egito onde não podias seguir-Me em ti. De agora em diante não deverás colocar outros deuses acima de Mim. Não deverás reconhecer como deuses mais elevados aquilo que te mostra uma imagem de qualquer coisa que apareça em cima nos céus, que atue a partir da terra, ou entre o céu e a terra. Não debes adorar o que disso tudo se encontra abaixo do que há de divino em ti. Pois Eu sou o eterno em ti, que atua no corpo e conseqüentemente nas gerações vindouras. Eu sou um elemento divino que se perpetua. Se não Me reconheces em ti, desaparecerei como tua natureza divina em teus filhos, netos e bisnetos, e o corpo deles tornar-se-á ermo. Se Me reconheces em ti, continuarei vivendo como sendo tu, até a milésima geração, e os corpos de teu povo irão prosperar.

Segundo Mandamento

Não deverás falar em vão de Mim em ti, pois tudo que for falso concernente ao Eu em ti corromperá teu corpo.

Terceiro Mandamento

Deves distinguir dia de trabalho de dia de descanso, de forma que tua existência possa tornar-se uma imagem de Minha existência. Pois aquilo que vive como Eu em ti criou o mundo em seis dias e viveu dentro de si mesmo no sétimo dia. Portanto, teus afazeres e os afazeres de teu filho e os afazeres de tua filha e os afazeres de teus empregados e os afazeres de teus animais e de qualquer outra coisa que esteja contigo, devem estar voltados para o exterior apenas durante seis dias; no sétimo dia, entretanto, tua contemplação deve Me procurar em ti.

Quarto Mandamento

Continua a atuar no mesmo sentido de teu pai e mãe, para que as propriedades que eles conseguiram pelo poder que Eu desenvolvi neles permaneçam em ti como tua propriedade.

Quinto Mandamento

Não mates.

Sexto Mandamento

Não cometas adultério.

Sétimo Mandamento

Não roubes.

Oitavo Mandamento

Não menosprezes o valor de teu próximo falando falsidade a respeito dele.

Nono Mandamento

Não olhes com inveja aquilo que teu próximo possui.

Décimo Mandamento

Não olhes com inveja a esposa de teu próximo, nem seus empregados, nem os outros seres que lhe propiciam prosperidade.

Perguntemo-nos agora: o que esses Dez mandamentos realmente nos mostram? Veremos que eles evidenciam no todo, não apenas na primeira parte, mas também na última parte, embora de uma forma aparentemente oculta, que aquela potência que se anunciou a Moisés na sarça ardente com as palavras, “Eu sou o Eu sou!”[5] – “*Ehieh asher Ehieh!*” – para designar seu nome, doravante deve estar junto ao povo judeu; e que na evolução de nossa Terra os outros povos não conseguiram reconhecer aquele “Eu sou”, a verdadeira base da quarta parte da entidade humana, com a mesma intensidade, com a mesma clareza como o povo judeu deve reconhecer isso.

Aquele Deus que verteu uma gota de seu ser dentro do ser humano, de modo que o quarto membro da entidade humana se tornasse o portador dessa gota – o portador do Eu – aquele Deus tornou-se conhecido pela primeira vez para seu povo por meio de Moisés. Então podemos afirmar que a maneira de compreender os Dez Mandamentos fundamenta-se no seguinte. De fato, até aquela época o Deus-Jeová trabalhou e atuou na evolução ascendente da humanidade. No entanto, os seres espirituais atuam antes de poderem ser reconhecidos com clareza. Aquilo que nos antigos povos pré-mosaicos era algo que atuava, algo que trabalhava; porém, como conceito, como idéia, como força verdadeira que atua no interior da alma humana foi anunciado pela primeira vez por Moisés a seu povo.

Tratou-se, pois, de esclarecer esse povo qual é o efeito abrangente de sentir-se um Eu, na medida como isso ocorreu no povo judaico. Nesse povo a entidade Jeová deve ser vista como uma espécie de ser de transição. Por um lado, Jeová é aquela entidade que verte a gota na própria individualidade do ser humano. Ao mesmo tempo, porém, é o Deus de um povo. De certo modo, cada judeu individualmente ainda se sentia vinculado ao Eu que também viveu na encarnação de Abraão e que fluiu através de todo o povo judaico. O povo judeu sentia-se unido ao Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó[6]. Tratava-se de uma época de transição. Isto deveria mudar somente com a anunciação do cristianismo. Mas o que deve vir para a Terra por meio do Cristo é profetizado pelas anunciações do Velho Testamento, especialmente pelo que Moisés tem a dizer a seu povo.

Vemos, assim, como lentamente a plena força do reconhecimento do Eu verte para o povo judeu no decorrer daquela história descrita no Velho Testamento. O povo judeu deveria ser levado à plena consciência do efeito que tem sobre a vida inteira do ser humano, quando ele não vive mais com uma certa inconsciência no que se refere ao Eu, mas quando aprendeu a sentir o Eu dentro de si mesmo, a vivenciar o efeito do nome de Deus “Eu sou o Eu sou!” no íntimo de sua alma.

Hoje em dia essas coisas são vivenciadas de maneira abstrata. Quando hoje se fala do Eu e do que está relacionado com ele, trata-se de meras palavras. Mas na época em que esse Eu foi anunciado pela primeira vez ao povo judeu na forma do antigo Deus-Jeová vivenciava-se esse Eu como o impacto de uma força que penetra no ser humano e transforma toda a estrutura de seu corpo astral, de seu corpo etérico e de seu corpo físico.

Foi preciso dizer a esse povo: as condições de tua vida e de tua saúde, eram diferentes quando o Eu ainda não vivia como conhecimento em tua alma; antes as condições de doença e saúde para toda tua vida eram diferentes do que serão agora. Porisso fez-se necessário dizer ao povo judaico quais eram as novas condições nas quais se inseria, pelo fato de não mais dever elevar simplesmente seu olhar para o céu, baixar simplesmente seu olhar para a terra, quando falasse de deuses, mas que devia olhar para dentro da própria alma. Olhar para dentro da alma de acordo com a verdade traz um modo de viver correto, que se estende até a saúde.

Certamente essa consciência está na base dos Dez Mandamentos, enquanto uma compreensão incorreta daquilo que entrou na alma humana como Eu resseca o corpo e a alma do ser humano, causa sua destruição. Realmente basta proceder de forma meramente objetiva para se notar quão pouco esses Dez Mandamentos devem ser apenas leis externas, que, de fato, eles devem ser o que acaba de ser exposto: algo de extrema importância para a saúde e bem-estar dos corpos astral, etérico e físico. Contudo, onde, hoje em dia, lêem-se livros de forma correta e precisa? Bastaria virar apenas algumas páginas adiante para descobrir que numa outra interpretação dos Dez Mandamentos foi dito ao povo judeu qual o efeito dos Dez Mandamentos sobre a pessoa como um todo. Lá é dito:

“Eu removo toda doença do teu meio; não haverá aborto nem infertilidade em tua terra, e eu permitirei que o número de teus dias seja pleno.”

Isso significa o seguinte: quando o Eu vive de tal forma a permear-se com a essência dos Dez Mandamentos, entre outras coisas resultará que você não poderá morrer na flor de teus anos, do contrário, pela compreensão correta do Eu algo pode fluir para dentro dos três corpos, o corpo astral, o corpo etérico e o corpo físico, que permitirá que o número de seus dias se torne completo, que você viva com boa saúde até atingir idade avançada. Isto é dito de forma bem clara. No entanto, é necessário penetrar bem profundamente nessas coisas. Aliás, os teólogos modernos não conseguem fazê-lo com facilidade. Um pequeno livro popular[8], bastante indicado para provocar irritação, porque pode ser adquirido por alguns trocados, inclui em suas observações sobre os Dez Mandamentos a seguinte frase: Pode-se notar facilmente que nos Dez Mandamentos estão dadas as leis humanas mais básicas; na primeira metade os mandamentos relacionados com Deus e na outra metade os mandamentos relacionados com as pessoas. Para não falhar, o autor em questão diz que o quarto mandamento deveria estar incluído na primeira metade, que diz respeito a Deus. Como esse senhor consegue atribuir quatro a uma metade, e seis para outra metade é apenas um pequeno exemplo de como se trabalha nos dias atuais. Tudo o mais neste livro corresponde à interessante equação: quatro é igual a seis.

Estamos tratando da explicação dada ao povo judeu sobre a correta maneira de o Eu habitar os três corpos do ser humano. Trata-se principalmente que é dito – e encontramos isso logo no primeiro mandamento: Se você tornar-se consciente desse Eu como sendo uma centelha da divindade, você será tal que em seu Eu você terá de vivenciar uma centelha, uma emanção da divindade mais elevada, mais poderosa, que está envolvida com a criação da Terra.

Recordemos o que pudemos dizer sobre a história da evolução do ser humano. Dissemos que o corpo físico humano surgiu na antiquíssima existência de Saturno. Deuses trabalharam sobre ele. No Sol, então, foi acrescentado o corpo etérico. Como ambos os corpos foram elaborados a seguir é novamente o trabalho de seres divino-espirituais. Depois o corpo astral foi incorporado na Lua, tudo por obra de seres espirituais-divinos. O que depois tornou o ser humano o homem como conhecemos hoje foi a incorporação de seu Eu na Terra. Disso participou a divindade mais elevada. No entanto, como o ser humano a partir de então não podia ter plena consciência desse quarto membro de sua entidade, ele também não podia ter noção da mais alta divindade, que ajudou a criá-lo e está presente nele. O ser humano precisa dizer a si mesmo: divindades trabalharam sobre meu corpo físico, mas elas são inferiores àquela divindade que agora me concedeu o Eu.

O mesmo é válido para os corpos etérico e astral. Desse modo tinha que ser dito ao povo judeu, o primeiro a receber a mensagem profética do Eu: Tem consciência que os povos ao teu redor adoram deuses que, nos estágios atuais de seu desenvolvimento, podem participar da atividade do corpo astral, do corpo etérico e do corpo físico. Contudo, eles não conseguem participar da atuação no Eu. Esse Deus que atua no Eu em realidade sempre esteve presente; ele anunciou-se por meio de sua atuação e criação. Seu nome, porém, ele te anuncia agora.

Ao reconhecer os outros deuses o ser humano não é um ser livre. Então ele é um ser que adora os deuses de seus membros inferiores. Quando, entretanto, ele conscientemente reconhece o Deus do qual carrega uma parte em seu Eu, então sim ele é um ser livre, que se coloca diante de seu próximo como um ser livre. Hoje o ser humano não tem a

mesma relação com seu corpo astral, corpo etérico e corpo físico como tem com seu Eu. Ele está dentro desse Eu.

Entre aquilo com o qual o ser humano se confronta, o Eu é o que diretamente está mais próximo dele. Ele só terá essa relação com seu corpo astral quando o tiver transformado em Manas, ou personalidade espiritual, e com seu corpo etérico quando o estiver transformado em Budhi, ou espírito vital, quando o tiver desenvolvido a partir de seu Eu em algo divino. Embora o Eu tenha sido o último a surgir, é nele que o ser humano vive. Quando ele capta o Eu, ele o faz porque a divindade se coloca diante dele em sua configuração imediata, em sua configuração intrínseca, enquanto as formas de seu corpo astral, corpo etérico e corpo físico, que ele possui atualmente, foram plasmadas por deuses que vieram antes.

Assim, ao contrário do povo israelita, os povos de seu entorno adoravam aquelas divindades que tinham atuado nos membros essenciais inferiores do ser humano. Quando se fazia uma imagem dessas divindades inferiores, ela se parecia com a forma de algo que havia na terra, ou no céu, ou entre céu e terra. Porque tudo que o ser humano possui dentro de si está espalhado por toda natureza restante. Quando o ser humano faz imagens a partir do reino mineral, elas somente podem representar-lhe os deuses que trabalharam no corpo físico. Quando ele faz imagens a partir do reino vegetal, elas somente podem representar-lhe as divindades que atuaram no corpo etérico, porque o homem tem seu corpo etérico em comum com o mundo vegetal.

Imagens do mundo animal podem simbolizar-lhe somente aquelas divindades que trabalharam em seu corpo astral. Mas aquilo que faz do ser humano a coroa da criação terrestre é o que ele capta em seu Eu. Nenhuma imagem externa consegue representar isso. Por esse motivo tinha que ser enfatizado claramente e com toda contundência ao povo judeu: “Existe algo dentro de ti que é uma emanção dos deuses mais elevados da atualidade. Isso não pode ser simbolizado com uma imagem do reino mineral, vegetal ou animal, por mais sublime que fosse. Todos os deuses servidos dessa maneira são deuses inferiores ao Deus que vive em teu Eu. Se adorares esse Deus em ti, os outros precisam recuar; então terás dentro de ti a verdadeira força saudável de teu Eu.”

Portanto, o que nos é dito logo no primeiro dos Dez Mandamentos, está relacionado com os mistérios mais profundos do desenvolvimento da humanidade: “Eu sou o aspecto divino eterno que experimentas em ti mesmo. Eu te conduzi para fora da terra do Egito onde não podias seguir-Me em ti.”

Moisés, seguindo a instrução de Jeová, conduziu seu povo para fora do Egito. Para tornar isto mais claro indica-se particularmente o fato de que Jeová queria fazer de seu povo um povo de sacerdotes. Nos outros povos aqueles que eram as pessoas livres em comparação com o povo eram os sacerdotes iniciados. Estes eram as pessoas livres, que sabiam do grande mistério do Eu, que também conheciam o Deus-Eu do qual não existe qualquer imagem. Assim, nessas nações estavam frente a frente esses poucos sacerdotes iniciados conscientes do Eu, e a grande massa de pessoas sem liberdade que, por assim dizer, apenas podia ouvir o que os sacerdotes iniciados deixavam emanar a partir dos Mistérios sob a mais rígida autoridade. Não era o indivíduo singular do povo que tinha essa relação direta, mas os sacerdotes iniciados tinham-na intermediado para cada um deles. Por isso, todo o bem-estar, toda a prosperidade dependia desses sacerdotes

iniciados; a saúde e a prosperidade dependia de como eles estabeleciam as instituições, organizavam tudo.

Eu teria que lhes contar muitas coisas se eu quisesse descrever o significado mais profundo do sono no templo dos egípcios e seu efeito sobre a saúde do povo, se eu quisesse descrever o que emanava de um culto como estes, como por exemplo o culto de Apis, na simples forma de remédios populares para a saúde. O curso e a direção de tal povo levava em consideração que sob a condução dos iniciados os fluidos necessários à saúde viessem destes centros de cultos. Isto agora precisava mudar. Os judeus deveriam tornar-se uma nação de sacerdotes. Cada um deveria sentir uma centelha desse Deus Jeová dentro de si e manter uma relação direta com ele. O sacerdote-sábio não devia mais ser o único mediador. Por esse motivo o povo tinha de receber instruções nesse sentido. Era preciso chamar a atenção ao fato que as falsas imagens, ou seja, as imagens mais baixas do Deus mais elevado, também têm um efeito nefasto para a saúde. Com isso abordamos um assunto que os homens da atualidade não conseguem conscientizar-se facilmente. Nesse contexto cometem-se terríveis faltas nos dias de hoje.

Somente quem consegue penetrar na ciência espiritual sabe de que maneira misteriosa se desenvolvem saúde e doença. Quando os senhores andam pelas ruas de uma cidade e lhes são levadas para diante da alma as coisas horrorosas exibidas em vitrines e anúncios, isso tem um efeito devastador. A ciência materialista não tem noção alguma de quantas causas de doença se encontram nesses horrores. Procuram-se os agentes patológicos simplesmente nos bacilos, e não se percebe como saúde e doença são levadas ao corpo pelo desvio da alma. Nesse contexto, somente pessoas familiarizadas com a ciência espiritual sabem o que significa um ser humano absorver estas ou aquelas representações sob forma de imagem.

Acima de tudo, o primeiro dos mandamentos diz que, a partir de então, o ser humano precisa ser capaz de fazer uma representação mental de que, além de tudo aquilo que pode ser expresso mentalmente por meios de uma imagem, ainda pode haver um impulso desprovido de imagem, que nesse ponto do Eu limita-se com o supra-sensível. “Sente esse Eu vigorosamente dentro de ti, sente-o de tal maneira que nesse Eu algo divino, mais elevado que qualquer coisa que podes representar por uma imagem, tece e ondula permeando-te. Então, terás nesse sentimento uma força de saúde, que tornará teu corpo físico, teu corpo etérico e teu corpo astral saudáveis.” Deveria ser transmitido ao povo judeu um forte impulso do Eu, que tem efeito sanativo. Se esse Eu for corretamente reconhecido, os corpos astral, etérico e físico serão bem formados, e isso gera uma forte força vital e uma vigorosa força de saúde, a qual, partindo de cada indivíduo transmite-se ao povo inteiro. Como se considerava que um povo contasse mil gerações, o Deus Jeová formulou que, pela correta impregnação do Eu, o próprio ser humano torna-se uma fonte que irradia saúde, de modo que o povo inteiro será um povo saudável ‘até a milésima geração’, como é expresso. Se, entretanto, o Eu não for entendido de forma correta, o corpo resseca, torna-se fraco e doente. Caso o pai não coloca de maneira correta a essência do Eu em sua alma, seu corpo se torna fraco e doente, lentamente o Eu se retrai; o filho ficará mais doente, o neto mais doente ainda e finalmente temos apenas um envoltório do qual o Deus-Jeová se retirou. Aquilo que não permite que o impulso do Eu se manifeste, gradualmente leva o corpo a ressecar até o quarto membro [da seqüência de gerações].

Vemos, portanto, que é a atuação correta do Eu que é colocada diante do povo de Moisés no primeiro dos Dez Mandamentos: “Eu sou o aspecto divino eterno que experimentas em ti mesmo. Eu te conduzi para fora da terra do Egito onde não podias seguir-Me em ti. De agora em diante não deverás colocar outros deuses acima de Mim. Não deverás reconhecer como deuses mais elevados aquilo que te mostra uma imagem de qualquer coisa que apareça em cima nos céus, que atue a partir da terra, ou entre o céu e a terra. Não debes adorar o que disse tudo se encontra abaixo do que há de divino em ti. Pois Eu sou o eterno em ti, que atua no corpo e conseqüentemente nas gerações vindouras. Eu sou um elemento divino que se perpetua – e não: ‘Eu sou um Deus zeloso’, pois isto aqui nada significa. Se não Me reconheces em ti, desaparecerei como tua natureza divina em teus filhos, netos e bisnetos, e o corpo deles tornar-se-á ermo. Se Me reconheces em ti, continuarei vivendo como sendo tu, até a milésima geração, e os corpos de teu povo irão prosperar.”

Vemos que não se faz referência a algo meramente abstrato, mas a algo de atuação viva, que deve atuar até na saúde do povo. O processo de saúde exterior deriva do elemento espiritual inserido no mesmo, e que paulatinamente é anunciado à humanidade. Aponta-se para isso particularmente no segundo mandamento, onde é dito expressamente: “Não cries representações mentais falsas de meu nome, daquilo que vive em ti como Eu; pois uma representação correta te tornará saudável e cheio de vitalidade, e será tua ventura, enquanto uma representação errada fará teu corpo tornar-se ermo!” Assim, cada membro do povo mosaico era orientado para que sempre que o nome de Deus fosse mencionado, ele deveria considerar como uma advertência: devo reconhecer o nome daquilo que entrou em mim, da maneira como vive em mim, pois isso é um estímulo para a saúde.

“Não deverás falar em vão de Mim em ti, pois tudo que for falso concernente ao Eu em ti corromperá teu corpo.”

E no terceiro mandamento a referência séria e nítida de como o ser humano, quando é um Eu atuante, criativo, é um verdadeiro microcosmo, e assim como o Deus-Jeová criou durante seis dias e descansou no sétimo, apresentando assim a imagem primordial, o ser humano deve seguir esta última em seu criar. No terceiro mandamento indica-se isso expressamente: Tu, homem, por teres um Eu verdadeiro, também debes ser uma imagem de teu mais elevado Deus, e em seus feitos atuar assim como teu Deus. Trata-se, portanto, de uma exortação para tornar-se cada vez mais parecido com o Deus que se revelou a Moisés na sarça ardente.

“Deves distinguir dia de trabalho de dia de descanso, de forma que tua existência possa tornar-se uma imagem de Minha existência. Pois aquilo que vive como Eu em ti criou o mundo em seis dias e viveu dentro de si mesmo no sétimo dia. Portanto, teus afazeres e os afazeres de teu filho e os afazeres de tua filha e os afazeres de teus empregados e os afazeres de teus animais e de qualquer outra coisa que esteja contigo, devem estar voltados para o exterior apenas durante seis dias; no sétimo dia, entretanto, tua contemplação deve Me procurar em ti.”

Agora a obra dos Dez Mandamentos passa cada vez mais ao detalhe. Mas como pano de fundo está sempre o pensamento de que a força que age continuamente atua como Jeová. No quarto mandamento o ser humano é conduzido para fora das relações com o âmbito supra-sensível para o âmbito sensível exterior. Aponta-se para algo muito

importante nesse quarto mandamento, que precisa ser entendido. Lá, onde o ser humano aparece como um Eu auto-consciente, aquele penetra de tal maneira na existência que necessita de meios exteriores para colocar essa existência na criação. Ele desenvolve aquilo que se chama propriedade individual e possessão.

Se voltássemos ao tempo do Antigo Egito, ainda não encontraríamos essa propriedade individual na grande massa do povo. Descobriríamos que aqueles que têm de decidir sobre propriedade também são os sacerdotes iniciados. Mas agora, quando cada pessoa deve desenvolver um Eu individual, ela se encontra diante da necessidade de interferir no exterior, de possuir algo ao seu redor, para apresentar seu Eu no mundo exterior. Por esta razão é declarado no quarto mandamento que aquele que permite ao Eu individual atuar em si adquire propriedades, mas essas propriedades permanecem ligadas à força do Eu, que continua vivendo no povo judeu, e que deve perpetuar-se de pai para filho e neto; e que a propriedade pertencente ao pai não estaria sob a vigorosa força do Eu, se o filho não levasse adiante a obra de seu pai com a força recebida do mesmo. Por isso é dito: Permite ao Eu tornar-se tão forte em ti, que ele continue atuando, e que o filho possa receber, junto com os meios que ele herda de seu pai, também os meios de integrar-se no mundo circundante exterior.

É dessa forma consciente que foi dada ao povo de Moisés a mentalidade da conservação de propriedade. Também as leis seguintes fundamentam-se certamente na consciência de que há forças ocultas por trás de tudo o que acontece no mundo. Enquanto hoje em dia considera-se o direito da herança de forma exterior e abstrata, aqueles que entendiam corretamente o quarto mandamento tinham consciência que forças espirituais se propagam, junto com a propriedade, de geração a geração, e continuam vivendo de uma geração a outra; que elas engrandecem o poder do Eu, e que desse modo aflui algo para a força do Eu de cada individualidade singular, que lhe é aduzido a partir da força do Eu do pai. O quarto mandamento é traduzido normalmente da maneira mais grotesca possível; o seu sentido é o seguinte: Deve-se desenvolver em ti a vigorosa força do Eu que continua vivendo depois de ti, e esta deve ser passada adiante ao filho, para que algo se acrescente à sua força do Eu, que possa continuar atuando nele como a propriedade de seus ancestrais.

“Continua a atuar no mesmo sentido de teu pai e mãe, para que as propriedades que eles conseguiram pelo poder que Eu desenvolvi neles permaneçam em ti como tua propriedade.”

Além disso, o que fundamenta todas as outras leis é que a força do Eu do ser humano é aumentada pela aplicação apropriada do impulso do Eu, mas ela é destruída pelo seu uso indevido. O quinto mandamento diz algo que somente consegue ser compreendido em seu sentido correto por meio da ciência espiritual. Tudo que se relaciona com o ato de matar, com o extermínio de vida alheia, enfraquece a força do Eu auto-consciente do ser humano. Desse modo consegue-se aumentar as forças da magia negra no ser humano; mas então, excluindo a força do Eu aumentam-se as forças astrais do ser humano. O que existe de divino no ser humano é aniquilado toda vez que se mata. Por isso essa lei não faz alusão somente a algo abstrato, mas também a algo pelo qual aflui ao ser humano uma força oculta para seu impulso do Eu, quando ele eleva a vida, faz vida florescer, quando ele não destrói vida. Isso é colocado como ideal para a elevação da força do eu individual, e o mesmo é exigido no sexto e sétimo mandamentos, apenas com menos ênfase, considerando outros âmbitos da vida.

Pelo casamento cria-se um centro para a força do Eu. Quem destruir o casamento, será enfraquecido, portanto, naquilo que deve afluir à força do Eu. Da mesma forma aquele que quer tirar algo da força do Eu do outro, e em tirando, roubando, e assim por diante, quer adquirir propriedades, enfraquecerá sua força do Eu. Aqui também encontramos como fundamento o pensamento condutor de que o Eu não deve enfraquecer-se.

Agora, é indicado nos últimos três mandamentos como o ser humano enfraquece a força de seu Eu pela direção errada de seus desejos. A vida dos desejos tem um grande significado para a força do Eu. O amor aumenta a força do Eu; a inveja e o ódio ressecam-na. Portanto, quando o ser humano odeia seu próximo, quando o desvaloriza falando algo falso a seu respeito, ele enfraquece assim a força do Eu; ele diminui a saúde e a força vital de tudo o que o cerca. O mesmo ocorre quando ele cobiça as propriedades de outrem. Já o desejo pelos pertences do próximo torna a força do seu Eu fraca. O mesmo vale para o décimo mandamento, quando o ser humano olha com inveja para a maneira como o outro busca seu progresso, e não se esforça em sentir amor pelo outro, expandindo assim sua alma e permitindo que brote a força de seu Eu.

Somente quando entendemos dessa forma o poder especial do Deus-Jeová e focalizamos a maneira de sua revelação diante de Moisés, é que podemos compreender o que deve fluir agora para o povo como uma consciência especial. A base de tudo é o fato de que não são dadas leis abstratas, mas prescrições sadias para o corpo, a alma e o espírito, sanativas no sentido mais abrangente. Quem seguir esses mandamentos não de forma abstrata, mas de forma viva, influencia todo o bem-estar e todo o progresso da vida. Naquele tempo isso nem podia ser revelado de outra maneira, senão por meio de preceitos de como os mandamentos deveriam ser seguidos. Pois em relação ao povo judeu os outros povos viviam de forma completamente diferente; eles não necessitavam de leis como estas, com esse sentido.

Se nossos eruditos de hoje pegam os Dez Mandamentos, traduzem-nos pelo dicionário e os comparam com as outras leis, como por exemplo com a lei de Hammurabi, isso significa apenas que eles não têm qualquer noção do impulso, que é o importante. Não é o “Não roubes!” ou “Deves guardar este ou aquele feriado!” que importa, mas o espírito que permeia esses Dez Mandamentos, e como esse espírito está relacionado com o espírito desse povo, a partir do qual o Cristianismo foi criado. Para realmente entender os Dez Mandamentos seria necessário compreender os sentimentos que se poderia vivenciar e sentir com o fato de cada indivíduo desse povo adquirir autonomia e tornar-se sacerdote.

Hoje ainda nem chegou o tempo de sentir isso tão concretamente, como os membros daquele povo conseguiram vivenciar. Por isso, nos dias de hoje introduz-se nas traduções qualquer coisa que esteja escrita no dicionário, mas não aquilo que corresponde ao espírito do assunto. Pois sempre consegue-se ler que o povo de Moisés originou-se de um povo beduíno, e conseqüentemente não lhes podiam ser dadas as mesmas leis de um povo engajado em agricultura. Por isso – concluem os eruditos – os Dez Mandamentos devem ter sido dados mais tarde e posteriormente foram datados para um tempo anterior. Se os Dez Mandamentos fossem o que esses senhores compreendem como tal, eles estariam corretos. Mas eles não os compreendem. Certamente, antes os judeus foram uma espécie de povo beduíno. Mas esses mandamentos lhe foram dados justamente para que o povo fosse em direção a uma era totalmente nova, sob o impulso da força do Eu.

Esta é justamente a melhor prova de que povos se constituem a partir do espírito. É quase impossível haver um preconceito mais forte do que dizer: sim, durante o tempo de Moisés o povo judeu ainda era um povo beduíno errante; que sentido faria então dar a esse povo os Dez Mandamentos? – Havia um sentido dar ao povo judeu essas leis, justamente para que o impulso do Eu pudesse ser impresso no povo com toda força. Ele os recebeu porque por meio desses mandamentos ele deveria dar uma forma completamente nova à sua vida exterior, porque a partir do espírito deveria ser criada uma vida completamente nova.

Desse modo, de fato, os Dez Mandamentos continuaram atuando, e nesse sentido os participantes da primeira época do cristianismo, plenos de compreensão, falavam das Leis de Moisés. Por isso eles acham que o impulso do Eu fica diferente pelo Mistério do Gólgota, comparado ao que era no tempo de Moisés. Eles diziam a si mesmos: o impulso do Eu foi permeado pela obra dos Dez Mandamentos; o povo fortalecia-se quando os seguia. Agora existe algo mais. Agora existe a figura na qual se fundamenta o Mistério do Gólgota. Agora o Eu pode contemplar aquilo que atravessou os tempos de maneira tão oculta, ele pode olhar para o que de mais grandioso ele pode alcançar, que o torna forte e vigoroso pela imitação daquele que sofreu no Gólgota e é o maior exemplo do ser humano em desenvolvimento para o futuro. Desse modo, para aqueles que realmente compreenderam o Cristianismo, o Cristo tomou o lugar daqueles impulsos que atuaram como uma preparação no Velho Testamento.

Vemos assim que, de fato, existe uma interpretação mais profunda dos Dez Mandamentos.